

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO II, Nº72 - OUTUBRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME V
ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História

ARNEIDE CEMIN - Antropologia

ARTUR MORETTI - Física

CELSO FERRAREZI - Letras

FABÍOLA LINS CALDAS - História

JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia

MARIA CELESTE SAID MARQUES - Educação

MARIO COZZUOL - Biologia

MIGUEL NENEVÉ - Letras

VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

72



QUESTÕES DE LITERATURA

ALBERTO LINS CALDAS



"... é preciso ser visionário, tornar-se visionário. O poeta se torna visionário através de um longo, imenso e racional desregramento de todos os sentidos. (...) o poeta é um verdadeiro ladrão de fogo. (...) Inspeccionar o invisível e ouvir o inaudível (...). Anotava o inexprimível, fixava vertigens." Rimbaud

1 - Uma literatura na contra-mão: que não combine, que não se pareça com o aparecer: que não está aí: literatura endaimoniada: literatura que rapte o concreto por baixo, no seu fluxo vivo, no seu sempre a se fazer, no seu fazendo: uma literatura que busque uma sintonia especial, uma sintonia fina, sintonizada com quem a requer, com quem a busca, com quem a exige para se descompreender e descompreender o mundo, com quem o sonhe com outros sonhos, com outros olhos, outro corpo: para quem quer pôr o universo em devires descarnados: carne de sonho, imaginária, corpo que se quer somente corpo: mundo esquecido que é somente cobertura do caos: literatura que desmonta e refaz o percurso imaginário, os programas, que tece esta vestimenta cósmica reificada: mimético – mas dos devires, da virtualidade, dos fluxos, dos a-vires: a imagem da palavra, a palavra enquanto metáfora: a palavra enquanto ausência, vazio, vácuo: quase-espelho, o que não somente reflete mas reflete qualquer coisa e coisa alguma sem o olho: literatura sem palavras: carnal, sensível, o viver da vida: o sonho congregando a poeira-palavra, essa palavra viva: a literatura falando tão baixo que, ao tentarmos escutá-la, ouçamos nossa própria voz, as vozes do mundo daquele que lê: vozes entrecruzadas entre tempos, espaços, corpos, experiências múltiplas: vozes que ao não dizerem podem ousar dizer algo: somente o não-ser pode se transformar em todos os seres;

2 - Os objetos exigem denominações: as tecnologias exigem marcas, funções: as modas exigem visibilidade: os costumes exigem idéias, gestos, rituais, comunicações, falares: a língua exige sintaxe, gramática, tradição: os homens exigem nomes, linhagens, histórias: as famílias exigem ramificações, parentescos, hierarquias: as classes exigem códigos, lugares, ocupações: as literaturas exigem escolas, mestres, modelos, cânones, origens: os corpos exigem sexos, nomes: tudo exige natureza, universalidade: - a literatura começa depois de tudo isso, sem alardear nada disso, sem dizer nada disso: a literatura não é sociologia, não é economia, não é antropologia: resistência;

3 - Num universo cheio, saturado, brutalmente visível, comercial e industrial a literatura é aquilo que ainda se fará, que ainda não é no ato da compra, ainda não é no ato do consumo (da mesma maneira que a literatura não se "produz", não se "consome"), ainda não é: somente quando deixa de ser aquilo-que-é é que começa a se formar o fluxo do que é ou pode ser o literário: será sempre um antes, um não realizado, um sempre a espera, um para o outro dia, quando houver caça (a literatura é o desejo da caça que sempre virá: um animal do desejo, do sonho, da metáfora), quando se realizar o ato que não se realizará porque o

ato realizado já é outra coisa: a literatura está no momento antes e no momento depois: na ansiedade, no sonho, no desejo, na imaginação, no devaneio: não numa matéria, numa escrita, numa lógica, num discurso (podendo ser raptado por analíticas), mas numa móvel virtualidade interior;

4 - A literatura não nasce do "estilo", da "língua", da "tradição", da "influência", da "força de um povo", da "maturidade pessoal e coletiva", da "experiência pessoal", da "história de vida", da "vida e da efervescência social e econômica", da "criatividade", da "história de um povo", da "língua": é a criação daquilo que será, que ainda não é, daquilo que não poderá ser, daquilo que terá existência somente numa inflexão de fome, de desejo, de carência, de ausência, de buscare, de não encontrares, de vazios e sementes de vazio que deixam passar o ser na medida do seu se fazendo: mas esse nada é sempre vestido pela tradição para significar, para materializar-se, para poder ser apreendido;

5 - A literatura é sugerir, é distraçar (des-tramar, des-trançar, des-travar), é indicar, é desvanecer, é margear, é a magia e seus movimentos interiores; a vida das imagens sem a presença da força e a força da presença, sem a presença dos poderes, sem a presença: a literatura se faz por dentro, como-se-não;

6 - A leitura desta literatura exige uma deleitura: a leitura corre nos trilhos, feita de tradição e costume, cercada de teorias e conceitos: a deleitura faz, exige, pede, clama a literatura antes de tê-la nas mãos, nos olhos, no olfato: e ela se fará sem se fazer, dentro e não durante, depois e não antes, dele e não do outro, nosso e não dele, sempre para depois, sempre para nada: a fome e os imaginários da fome, não a comida ou a saciedade;

7 - Para a literatura não há uma botânica, uma zoologia, uma sociologia, uma medicina, uma numismática, uma filologia: há somente o vazio do ser, a ausência que diz, a generalidade que marca, que significa, que se espraia e agarra, pesca, viola, desnuda e mergulha, solta, virginiza, cobre e flui;

8 - "Esse veneno vai ficar em nossas veias (...). Isto começou com uma certa náusea e acaba assim (...), - isto termina numa fuga de perfumes." A literatura: são os devires e os a-vires desta "fuga de perfumes" que começa com "uma certa náusea" que "acaba assim" (esse apontar para nada essencial e para o essencial do nada enquanto des-vendedor do ser enquanto cobertura alienada do caos: cobertura sempre literária), buscando a literatura, seja para deixá-la passar (o autor é somente a brecha heideggeriana), seja para iniciar a deleitura, seja para simplesmente tentar degustá-la por costume, sem conseguir: literatura não enche barriga;

9 - Como aquilo que cobre o caos é essencialmente literário: a literatura é aquilo que pode cortar, des-tecer, r-emendar, re-fazer o tec-ido para compreender o feito, o se fazendo e o a se fazer: o ser no seu ninho, na sua cova, na sua favela, no seu palácio, nas suas palavras: o real por dentro;

10 - Embaralha fronteiras: comunga o isolado e isola o comungado: irrupção de transe e possessão: sub-versão: desterro; desconcerto: holograma em transito, em transe: dispersão rotacional e veloz: deslizamentos, fricções, clivagens;

11 - Literatura não se faz no "livro", no "autor", no "tempo", na "língua", no "leitor": a literatura se faz entre-nós: e esse entre-nós é um holograma vivo seja dos gestos da leitura, seja do "eu", seja dos fluxos da linguagem, seja do corpo: entre-nós;

12 - Literatura não se faz com palavras: esse é um dos seus "artifícios materiais": a literatura é a dispersão contida entre-nós de um onírico holograma: seu "corpo" não é a resultante das palavras, não nasce somente através das palavras: aquilo que as analíticas descobrem como literatura é uma ilusão da dobra material que é uma ilusão daquilo-que-escapa: não é o nódulo material que cria a literatura, mas o inverso;

13 - A literatura não trata do real no real: o desvenda dizendo-o por dentro (o de fora que é o dentro): dizendo antes e depois: jamais para os olhos, como uma coisa-descrita (uma descrição é "impossível" na literatura);

14 - A literatura é a des-compressão da densa presença da mercadoria, do domínio da coisa, das relações reificadas, e da imposição de certos tipos de sujeito e identidade: a literatura acon-tece além da cidade, da comunidade: no lugar sem lugar onde a própria comunidade se tece e destece;

15 - A "virtualidade de computador", as "novas tecnologias", não devem se traduzir em literatura (a literatura das máquinas a vapor, dos trens, dos carros, dos eletrodomésticos, dos supermercados e shoppings): serão descrições, histórias integradas, descritivas, fincadas num determinado momento que não diz nada sequer desse momento. Mas as "novas tecnologias" abrem outras grades perceptivas, outros corpos, alargando limites e fronteiras: a literatura "sempre foi", por ser muito próxima da maneira como o ser-do-mundo se cria/circula/se reproduz e se mantém, virtual, sem limites, fluxo vivo de virtualidades, vozes, imaginários: apreendendo traços no seu ritual da eterna caça futura (aquele que jamais será devorada);

16 - Não há nenhuma relação entre a experiência (histórica, do autor, do leitor, da língua, da cultura) e a literatura;

17 - O espaço na literatura é um espaço impossível, improvável, antes um vazio, um vácuo, uma impressão, a sempre nada a ser preenchido (espaço que desvenda a alma do espaço: feitos e ocupados da mesma maneira, o espaço literário desenovela o espaço geográfico); o tempo não é o tempo do leitor, do autor, do tempo da escritura nem da escritura no tempo: o tempo literário é (assim como a do espaço) uma ilusão hologramática do leitor, que os cria por não saber criar essa "vida" de outra maneira;

18 - O autor é uma dobra exausta: uma concreção "objeto de estudo" de Ciências: uma "máscara" sem novidade: uma peça mil vezes encenada mantida e reforçada: não pode ser o autor aquele que põe em fluxo a literatura (ilusão jurídica): fora dessa ilusão jurídica há um pervertidor de fluxos que em muito ultrapassa essa coisa autor: a literatura é sempre o muito além da *personae*: é o que fluiu depois que a *personae* estourou, vazou por todos os rasgões, brechas, invaginações, intumescências, raízes, desagradouros: a "origem da obra", o "sentido da obra" não é o autor, a classe social, o tempo, a sociedade, a história, o indivíduo: uma possível "origem" ou "sentidos" estariam nessa permissão, nessa permissividade, nesse deixar entrara e sair, nesses desaguares, no prazer insatisfeito de ser tudo para nada, em ver o invisível, em substituir o certo, o correto, o gozo pelo indistinto ritual que nada garante ou ensina;

19 - A literatura aponta para o mistério do desmedido, do incontido, do além do limite, da origem da função, do controle: a literatura fura o real: somos livres: sem natureza tudo é possível: a literatura é o desnatura: a literatura restitui a magia a um viver reificado;

20 - Uma força de dissociação, uma reclusão no segredo, na transparência e na ofensa contra a “alma comunitária” (a “alma danada” contra o “santo guerreiro”): ambigüidade, fluidez, indiferença, sabor por absoluta falta de sabores: a literatura é um sexo latejando dentro de um coração vivo: suavemente: erguida dentre os mortos, sussurra em permanente alvoroço: existência angélica é, antes de tudo, carnívora: carne arrepiada num estranho fremir: contravozes (contraluzes) em turbilhão;

21 - Sempre me guerra: guerrilha: terrorismo: a literatura é essa voz posta na escuridão ou no banco dos réus: uma voz que não é escutada, não é lida, não é percebida;

22 - A vida levada a galope: os troncos vivos na correnteza do rio: no riso aberto por dentro da carne: na alegria sonolenta depois do gozo: contra o ódio, a melancolia, o remorso, a burrice, a insensibilidade: a literatura é o vinho de Mefisto – de uma única garrafa cai na taça de cada um o vinho escolhido: a literatura são fios que “...deslizam sem serem vistos...”, atraindo “... o espírito para fora...”: “... um quê de maldade e insatisfação...”;

23 - O que move a literatura não é um desejo-de-gozo, mas um desejo-de-prazer: aquele que mesmo gozando busca o mais-prazer, o prazer que não aceita findar em gozo;

24 - A estética não é o ponto de partida: a indignação, a vergonha, o medo, a humilhação, a impotência, o silêncio, a conivência: a literatura não muda o mundo (sua “função” não é nem pode ser revolucionária ou política): não vale mais que um prato de sopa quente depois de dias de fome: a literatura é o antes da fome, o depois da fome: jamais a fome: sua decisão não alimenta, sua palavra não completa, sua carne não esquentar;

25 - A deleitura exige um *buscador* e não um *consumidor*: um *aventureiro*, não um *comprador*: um *sedutor*, não um *masturbador*;

26 - A literatura é o imediato-do-presente: escrito por ele, para ele, por ele, com ele: abre-se às virtualidades e é aberta por elas: o presente é sua substância: aquele que é a totalidade temporal: o antes e o depois do imediato: a literatura é confluência e abertura: fonte, leito e delta;

27 - O “eu”, essa voz inflamada (essa inflexão selecionada e escolhida por outros), essa “história de vida” (essa lógica imposta como discurso), esse “drama familiar” (invasão da natureza na virtualidade), é um casulo com um cadáver no centro (a literatura não é a voz desse cadáver): na periferia de um uma imensa rede polidimensional que se articula em todos os seus pontos com outras redes: vibrações atravessam as redes em todas as direções (construindo as redes em seus devires: as redes são construídas por essas vibrações: elas não “servem de suporte” para o movimento: os fluírem são as redes): deixar-passar essas vibrações formando redes vibratórias (sem dizer o cadáver ou descrever o casulo e suas circunvizinhanças) que dizem a floresta de redes - o escritor: as redes holográficas da floresta de redes – a literatura: aquele que momentaneamente deixa criar em-si os hologramas é o que se chama leitor, apesar deste termo só se aplicar bem a um tipo “artesanal”, descritivo de literatura – contadora de história (analiticamente posta e esperada): uma literatura exige um deleitor: uma literatura clama um deleitor;

28 - Transformar a dispersão viva das vozes no turbilhão das multidões num lugar denso onde todas essas vozes não se percam, mas se afinem numa arma de dizer o sonho da comunidade no sonho daquele que sonha sozinho o desejo de todos;

29 - A literatura é da instância da magia, não das técnicas, das sociabilidades, das historicidades ou dos elementos manipuláveis.

30 - A literatura surfa nas ondas da virtualidade, nos fluxos vivos da mesma *matéria* da "comunidade", da mesma *substância* do presente, da mesma dinâmica perversa do imediato, na mesma fonte que alimenta o *concreto*;

31 - A forma do literário (a sua teoria e visão do mundo: aquilo-que-espelha-o-mundo: mundo que corre por baixo) não existe antes na "realidade social" (tomada em seu sentido naturalesco, existente como coisas em relação, existência alienada aparecendo como exterioridade independente e material). É possível que *traços* dessa ainda não evidência concorra para a composição, mas o que existirá no mundo que deverá se parecer com o "fantasma do texto", com a forma textual, só terá existência completa *pos festum*, enquanto a forma literária é sempre um instável *a priori* que, servindo aos elementos de "compreensão do real histórico", parecerá refletir o existente, quando ele foi aquilo que o pré-sentiu num além do seu próprio ser;

32 - A migração estrutural da "exterioridade", da "realidade social" para o texto, a linguagem, não pode esconder a exterioridade e suas multiplicidades em rotação em "estilo", "virtualidade", "discurso", "fluxo narrativo": a literatura virtual desse momento não deve ser um mergulho mortal na linguagem e nas desplugagens, mas um novo enfrentamento do mundo social na medida da sua criação, ocultamento e revolução, principalmente porque "o real" é virtualidade viva, holograma em movimento, manutenção e mudança.

33 - Não adianta mudar a literatura-do-trem-de-ferro para a literatura-do-computador: expressar o mundo não é inscrever um rol de lavadeira no mundo estabilizada das linguagens: nos cabe manter e fazer fluir a literatura;

34 - A literatura não é uma dimensão da *obra*, do *autor* ou do *leitor*, mas dos fluxos narrativos, dialógicos, polifônicos, metafóricos da *palavra*. Nesse sentido a literatura "está" entre-nós, na comunicação entre as consciências, no espaço social enquanto devires que irrompem em formações provisoriamente tangíveis, mas que ao serem "tocadas", se põem em movimento. Essa a sua "natureza", "substância", "matéria": movimento dialógico inapreensível por "ciências literárias". Esse fluxo vivo que se cristaliza também, diante de olhares metodológicos, numa Literatura historiográfica, antropológica, sociológica, jornalística não é literatura: dentro delas, com certeza, há momentos dessa literatura, mas elas não são literatura, mas seu avesso, sua dimensão covarde, ocultamento literário de si mesmo e do mundo;

35 - A literatura não está na Literatura: não está normalmente naquilo que é escrito para ser literatura, como literatura: ela pode atravessar qualquer momento da fala em fabulação, da escrita em escritura;

36 - A literatura é o vestígio inútil de um gesto mágico de uma caçada que jamais se realizará.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

UM OLHAR PARA O LETRAMENTO

NAIR GURGEL
TANIA PARMIGIANI (orgs)
EDUFRO

RESUMO: Realizamos durante séculos a pedagogia do silêncio. O conhecimento como verdade absoluta. A prescrição à norma. O silêncio da ausência da vida na escola não é um silêncio da ausência absoluta de palavras, mas o silêncio da ordem da reprodução: um dado discursivo imposto é dito, quando, na verdade, o sujeito deveria dizer a sua palavra.

SUMÁRIO: Do científico ao pedagógico; O professor de língua portuguesa e suas relações com a leitura; Filosofia para crianças; O professor de 3 e 4 séries do ensino fundamental como mediador entre o aluno e a leitura; manejo de quadrados na adição e na subtração de números naturais; Educação física e sala de aula; Fundamentos sócio e psicolinguísticos que norteiam o processo de aprendizagem da lecto-escrita; A biologização/naturalização de problemas sociais e a queixa escolar; O Proler integrado à pesquisa na Amazônia; Avaliação do perfil psicomotor de escolares de 7 a 10 anos.

Áreas de interesse: Filosofia, Letras, Semiótica.

Palavras-chave: semiótica, análise do discurso, ensino fundamental